

— Esta questão é velha como o mundo e as épocas sucessivas deram-lhe respostas diferentes.

A teoria mais antiga é a que teve por base a tendência a fundar o caracter complexo e fugidio sôbre alguma coisa de estável; o complexo fisiológico e orgânico. E' a teoria do temperamento sangüíneo, nervoso, fleumático, melancólico. Entre o predomínio dum certo tipo fisiológico e certa maneira de se comportar, haveria identidade. Mas esta classificação é insustentável porque abstrai de dois elementos tão necessários em biologia como em psicologia: a adaptação ao meio e a continuidade específica ou individual. Esta mesma teoria, renovada actualmente por Kretschmer, applica-se ao adulto, mas parece não poder ser adaptada ao lactente.

Contudo, é cientificamente certo que a criança vem ao mundo com uma reactividade especial, cujas bases anátomo-fisiológicas são constituídas pelas glândulas de secreção interna e pelo sistema nervoso vegetativo. As glândulas de secreção in-

terna comandam de maneira electiva o crescimento dos tecidos e a formação dos órgãos, da mesma maneira que comandam as disposições mentais e o comportamento do indivíduo. O sistema nervoso simpático actua duma maneira idêntica, e a sua labilidade patológica traduz-se em certas famílias por afecções diversas, asma, eczema, urticária, e paralelamente por um carácter instável e violento nas suas reacções.

O caracter inato, dependente dêste substracto anatómico e fisiológico, não é na realidade senão uma maneira de reagir às emoções que vamos ver esculpir, por assim dizer, o verdadeiro caracter da criança. Não é imutável e é acessível aos esforços do educador. Da mesma forma que por meio de conselhos apropriados o médico pode modificar dentro de certa medida o terreno transmitido pelos ascendentes, assim também o educador pode, conhecendo a reactividade original específica do lactente, dissipar as emoções que actuarão sôbre êle e modificar, de certo modo, o caracter primitivo.

IV

O caracter adquirido

Eis-nos chegados ao momento do nosso estudo em que estamos em presença duma criança vinda ao mundo com uma reactividade particular, e que vai entrar em contacto com êle por meio das várias sensações que analisâmos. As reacções produzidas pelas percepções auditivas, visuais, sensitivas, musculares, affectivas, são as emoções. São elas que, pela sua repetição, vão criar hábitos de reagir que, sobretudo nos primeiros anos, deixarão traços indeléveis, companheiros do indivíduo por tôda a sua vida, constituindo o que se chama o seu caracter. Ora o lactente é um ser que depende das pessoas que o rodeiam e portanto estas teem a liberdade de o deixar acessível a todas as sensações que lhe possam ser úteis. Podem pois repelir à vontade ou produzir certas emoções, e concorrer por êste meio, duma maneira quasi certa, para a formação do caracter.

As diversas emoções, a alegria, a dôr, a cólera, o mêdo, a tristeza, actuam tôdas da mesma maneira, e para dar uma idéa

da sua acção, vamos estudar uma delas, particularmente freqüente na criança: o mêdo.

O mêdo tira as suas origens de reacções elementares. Há um mêdo fisiológico, cujos efeitos e motivos se reduzem a uma perturbação do equilíbrio, a uma brusca incerteza sôbre a attitude a tomar. É esta reacção elementar, feita dos braços lançados para diante que se produz no recém-nascido abandonado ao seu próprio pêso no banho, ou quando a almofada que o suporta se flecte bruscamente. E' ainda o estremeamento produzido por um ruído violento. Mas êste mêdo elementar deixa poucas recordações. O que modela o comportamento individual é duma ordem diferente. E' feito também dum sentimento de desequilíbrio. Com efeito, fora dos reflexos físicos que nós vimos, o mêdo é um sentimento desconhecido da criança que progressa ignorante na vida. Animais cujo aspecto deveria chegar para os encher de mêdo podem, até aos 2 ou 3 anos, não